

**OMAR KHAYYAM, EDWARD FITZGERALD E FERNANDO  
PESSOA: CONSIDERAÇÕES SOBRE TRADUÇÕES DO ÁRABE  
PARA O INGLÊS E A INFLUÊNCIA PERSA  
NA LITERATURA ORTÔNIMA**

*Fadia Rodrigues Samra* (UFT)

[fadia.rodrigues@gmail.com](mailto:fadia.rodrigues@gmail.com)

*Carla Bastiani* (IFTO)

[carlabastiani@gmail.com](mailto:carlabastiani@gmail.com)

*Vinicius Martins Correa* (UFT)

[vinicius.correa@uft.edu.br](mailto:vinicius.correa@uft.edu.br)

**RESUMO**

O presente estudo tem por objetivo fazer uma breve reflexão sobre traduções de poesias escritas em árabe para o inglês e o português e constatar a sua influência na literatura modernista de Portugal. O principal referencial teórico é a obra: “Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o Ruba’iyat na poesia portuguesa do século XX”, de Márcia Manir Miguel Feitosa. Para levantar aspectos semelhantes entre os autores Fernando Pessoa e Omar Khayyam, respectivamente português e persa, serão utilizados os símbolos da *flor* e da *rosa*. A proposição é discutir aspectos da tradução de textos e da língua, cultura e literatura de origem persa-árabe e a sua influência em obras lusófonas do ortônimo.

**Palavras-chave:**

Árabe. Inglês. ortônimo. Tradução. Edward Fitzgerald.  
Fernando Pessoa. Omar Khayyam.

**ABSTRACT**

This essay aims to make a brief reflection on translations of Arabic-written poetry into English and Portuguese languages and see their influence in the modernist portuguese literature. The main theoretical reference is the work: “Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o Ruba’iyat na poesia portuguesa do século XX”, by Márcia Manir Miguel Feitosa. To show similar aspects between Fernando Pessos e Omar Khayyam, respectively portuguese and persian, the flower and rose symbols will be used. The main objective is to discuss aspects of translation, language, culture and literature Persian-Arabic and their influence on Lusophone works of the orthonym.

**Keywords:**

Arabic. English. orthonym. Translation. Edward Fitzgerald.  
Fernando Pessoa. Omar Khayyam.

## 1. Introdução

*“A tradução melhor que a gente pode fazer é encontrar o melhor equivalente na língua alvo. Melhor do que isso, é impossível.” (HELIODORA apud ARAÚJO, 2006)*

Bárbara Heliodora, crítica de teatro e uma das mais célebres tradutoras das obras de William Shakespeare para o português, em entrevista, afirmou que traduzir é encontrar, na língua para a qual o texto está sendo traduzido, o equivalente mais próximo<sup>280</sup>. Quando se trata de tradução, é comum que se encontrem diversas linhas de pensamento e teóricos que defendam ora a tradução literal, por meio da qual se encontrem equivalentes vocabulares da língua de origem para a traduzida, ora uma refacção, em que se manteria o sentido ou apenas a ideia central do texto.

Se o texto a ser traduzido possui estrutura poética, assim como os poemas de Omar Khayyam que serão aqui analisados, as ideias costumam divergir ainda mais. No presente estudo, faremos uma breve análise da tradução da obra do poeta Omar Khayyam para o inglês, feita pelo ensaísta e tradutor vitoriano Edward Fitzgerald, além da influência do autor persa na obra de Fernando Pessoa, o criador dos heterônimos um dos fundadores do movimento que culminou no início do Modernismo em Portugal. A priori, é preciso ressaltar que obra pessoana é de conteúdo vasto e que, ainda hoje, muitos de seus manuscritos continuam inéditos e a maior parte deles só chegou a ser conhecida pelo grande público após a sua morte. “Mensagem” foi o único livro lançado enquanto o poeta ainda vivia não chegou a ter o devido reconhecimento à época. Assim, a exploração da influência oriental na obra do poeta português nada mais é que um dos vários estudos possíveis para este que é um dos maiores autores do século XX.

Isto posto, começaremos por traçar uma sucinta história da língua e da cultura persa e a influência que o idioma árabe exerce para esse povo, para que seja caracterizada a obra de Khayyam. Em seguida, discorreremos sobre Edward Fitzgerald (2015) e sua técnica usada na tradução

---

<sup>280</sup> Em diversas entrevistas como a que deu para Luciana Araújo, a autora ressalta que a tradução literal, quando se trata de literatura, é a menos indicada.

das Ruba'iyat<sup>281</sup> omarianas para o inglês. Por fim, destacaremos algumas quadras de Fernando Pessoa feitas ao estilo rubai comparando-as com outras, feitas por Omar Khayyam.

Para embasar o estudo e conferir-lhe o arcabouço teórico necessário para sua confecção, outros autores serão citados. Márcia Manir Miguel Feitosa, uma das principais pesquisadoras brasileiras das rubai'yat pessoanas, nos permitirão o acesso às quadras omarianas e de seus aspectos estruturais com o seu “Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o Ruba'iyat na poesia portuguesa do século XX” (1998). Bernard Lewis, especialista em história do Islã, em “The Iranians”, nos serviu de orientação à singular relação entre os persas e o mundo árabe. Além disso, para consultas em relação à obra ortônima, nos valem os “Diversidade e unidade em Fernando Pessoa”, do crítico e ensaísta Jacinto do Prado Coelho (1997). Cabe lembrar que outras obras e autores foram usadas em partes específicas deste estudo. São eles: Abdala Jr. e Paschoalin (1985), Araújo (2007), Benoist (1976), Bréchon (1999), Chevalier e Gheerbrant (1998), Guimarães (1990), Magee (2001) e Kury (1992).

## **2. O persa e o árabe: considerações históricas e linguísticas**

*“Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada”* (BANDEIRA, 2013)

Os versos acima, alguns dos mais conhecidos da poesia brasileira, pertencem ao modernista brasileiro Manuel Bandeira. O que poucos sabem, no entanto, é que o local idílico para onde o poeta deseja evadir-se – Pasárgada – foi uma cidade do Oriente Médio, na antiga Pérsia, um de seus centros culturais. De maneira geral, distante do ideal de prazer presente em “Vou-me embora pra Pasárgada”, quando se discute o mundo árabe, o imaginário popular remete a conflitos, religião e política turbulentas, esquecendo-se que locais como a Pérsia, hoje Irã, foram referências na difusão de cultura e ciência de civilizações ancestrais.

O antigo império Persa, também conhecido como Império Aque-

---

<sup>281</sup> A palavra “rubai” é um termo masculino, significa quadra e corresponde ao singular. “Ruba'iyat” é um termo feminino e corresponde ao plural (mais de uma quadra), e é ainda o título do livro de poesias de Omar Khayyam.

mênida, foi uma das potências do mundo antigo e teve seu apogeu entre os anos de 550 a 330 a.C. Sua influência começa a decair com a invasão de Alexandre, o Grande, o que iniciou as Guerras Romano-Persas. Os conflitos externos que se seguiram e a dificuldade de manter a ordem interna fizeram com que os persas se tornassem vulneráveis à invasão do Califado Rashidun, dando início à islamização do território. Assim, o credo primordial nos antigos domínios do imperador Xerxes, que era o Zoroastrismo, foi gradativamente sendo substituído pelo Islã. A religião muçulmana, de certo modo, avançou; a língua árabe, no entanto, não conseguiu se sobrepor ao idioma persa por completo. Cabe ressaltar, no entanto, que à época de Omar Khayyam, quem usasse o idioma árabe em vez do persa recebia benefícios do governo.

O idioma falado hoje no Irã, Afeganistão e no Tadjiquistão – com algumas variações modernas – é o persa (ainda chamado de farsi ou parsi), que possui origem indo-europeia, diferente do árabe, que é semita. Devido à islamização citada anteriormente, o alfabeto árabe é utilizado pelos dois idiomas, mas no farsi, para expressar a singularidade de seus fonemas, foram acrescentadas algumas letras. Dessa forma, se analisarmos as origens do persa e do árabe, é possível perceber que a língua persa é muito mais próxima do português, por exemplo, do que do próprio árabe.

Culturalmente, a antiga Pérsia se destacou em áreas como a matemática, a literatura, a astronomia e até mesmo a medicina (LEWIS, 2001). Foi esse o berço do poeta Omar Khayyam (Nishapur, Pérsia, 1040–1122<sup>282</sup>), o mais conhecido escritor de ruba'iyat. Seus escritos foram feitos em árabe, considerada, na sua época, como a língua oficial da Pérsia para documentos e outros tratados escritos.

### **3. Omar Khayyam, poesia e filosofia**

Abul'l-Fath Omar ibn Ibrahim al-Khayyam foi um famoso poeta, matemático e astrônomo. Khayyam obteve bastante notoriedade em seu tempo pois, além de ser conhecido por suas adivinhações, foi diretor do observatório de Merv (Pérsia) e reformulou o calendário muçulmano – religião da qual era praticante – utilizado até o começo do século XX.

---

<sup>282</sup> As datas de nascimento e morte de Omar Khayyam, conforme indica seu principal tradutor, Edward Fitzgerald, são imprecisas.

Apesar de sua relevância para diversas outras áreas do conhecimento, seu maior legado acabou sendo a literatura que escreveu. É importante lembrar, porém, que o autor também escreveu outros livros como “Memória sobre a demonstração de problemas de álgebra”, específicos de seus estudos matemáticos e astronômicos.

Objeto desse estudo, as ruba’iyat são uma composição poética de origem persa que possuem a disposição dos versos em quadras com esquema rímico AABA e versos livres, ou seja, sem simetria. Conforme citado anteriormente em nota de rodapé, rubai é um termo masculino e significa quadra, enquanto ruba’iyat é o seu plural, e possui gênero feminino. Quanto às características gerais, a pesquisadora pessoana Márcia Feitosa afirma que: “[...] cada rubai em si mesmo constitui uma célula independente, autossuficiente, que, juntamente com as outras, contribuem para a interpenetração orgânica do livro” (1998).

Destarte, os temas das ruba’iyat omarianas são diversos, mas costumam apresentar a busca pela plenitude existencial, conselhos a quem lê e até metáforas utilizando elementos simbólicos como o *vinho* e a *rosa*. Segue, abaixo, um exemplo dessa poética:

XXIX

Vindo ao Mudo e não sabendo o porquê,  
Nem donde, como a Água inevitavelmente correndo  
Eu saio dele, como o Vento do Deserto,  
Eu não sei para onde, vai soprando inevitavelmente. (KHAYYAM *apud* FEITOSA, 1998).

No rubai acima, conforme é possível observar, o eu lírico apresenta um comportamento estoico diante do mistério de sua existência, sendo este um dos motes do poeta de Nishapur. As palavras escritas com inicial maiúscula, algo também recorrente em Khayyam, demonstram não só a personificação dos termos, mas também conferem um sentido de importância e destaque a eles.

Além disso, levando ainda em consideração o conteúdo de suas ruba’iyat, basicamente, há duas diferentes linhas filosóficas em que os estudiosos de Omar Khayyam costumam encaixá-lo: primeiro, no Epicurismo, filosofia criada pelo grego Epicuro (341–270 a.C.), e segundo, no Sufismo, uma linha místico-filosófica surgida no islamismo. Edward Fitzgerald acreditava que Khayyam era epicurista, por isso, vamos nos ater, nesse trabalho, àquilo que pregava o tradutor.

Fitzgerald defendia o Epicurismo em Omar Khayyam por caracte-

rísticas que, segundo ele, eram incontestáveis. Discursos da poética omariana que defendiam ou declaravam o materialismo e o panteísmo, e atitudes como o *carpe diem* observadas em algumas ruba'iyat remetem diretamente aos preceitos de Epicuro.

#### **4. A tradução de Edward Fitzgerald**

Edward Fitzgerald (1809–1883) foi um escritor e tradutor inglês. Desde muito pequeno, acostumou-se às sucessivas mudanças de sua família, o que fez com que ele aprendesse diversos idiomas, inclusive o árabe. Notabilizou-se de maneira considerável na Inglaterra vitoriana após a publicação dos quartetos omarianos, traduzidos em Oxford, os quais se tornaram muito populares.

O Ocidente teve contato com a poesia de Omar Khayyam através de traduções como a de Edward Fitzgerald, que traduziu o *Ruba'iyat* (título do livro de poesias de Khayyam) para o inglês, em 1859. Porém, não foi o único de sua época a realizar esse intento. Outros tradutores contemporâneos a ele, como o francês J. B. Nicolas e os ingleses E. H. Whinfield e Heron Allen também se prestaram a este serviço. No entanto, a versão lida por Fernando Pessoa – por ter sido, inclusive, encontrada em sua biblioteca –, foi a de Fitzgerald.

As sucessivas edições da versão do *Ruba'iyat* feitas pelo autor inglês - três, no total – vêm sendo analisadas por especialistas e estudiosos como Márcia Feitosa ao longo dos anos, principalmente devido à sua ligação com a poesia de Fernando Pessoa. Sua tradução segue o mesmo padrão rimático da obra de Omar Khayyam, e sobre esta versão, Feitosa diz que:

[...] embora tenha seguido o padrão rímico do 'Ruba'iyat', a maior acusação feita a Fitzgerald recai sobre a combinação de versos do original a partir de vários quartetos diferentes. Isso possibilitou caracterizar sua tradução como uma livre recriação dos versos do *Ruba'iyat*. (1998)

Uma das principais e polêmicas características da tradução fitzgeraldiana foi o seu método, que consistiu em recriar as quadras mantendo as unidades temáticas para que elas fossem, ao máximo, fiéis a uma representação do mundo persa. Fitzgerald não se ateu a uma tradução simplesmente vocabular, mas sim de cultura, sentido, e contexto, o que fez com que ele recebesse críticas de seus contemporâneos.

Tradutores e linguistas muito têm discutido sobre como seria a

tradução ideal de poesias e obras literárias. Por este motivo, é comum encontrarmos, em falas de críticos literários, referências a bons e maus resultados, o que de certa forma é bastante relativo, ainda mais se considerarmos que a literatura e a linguagem poética, por si sós, possuem diversas interpretações até mesmo em sua língua materna.

O método fitzgeraldiano tem sido cada vez mais defendido entre a moderna crítica literária. Atualmente, a tradução meramente vocabular vem perdendo seu espaço, dando lugar a uma tradução mais consciente e menos arbitrária. Segundo o tradutor e ensaísta Boris Schnaiderman, “tudo deve ser traduzido, mas é preciso que a tradução seja de acordo com a tradição de cada povo” (SCHNAIDERMAN *apud* ARAÚJO, 2006).

É primordial que uma obra traduzida, acima de tudo, encontre seu eco na língua de destino. As traduções poéticas, sobretudo as que respeitam rima e disposições de versos como a de Edward Fitzgerald, são as mais complicadas, pois exigem mais que a fluência do tradutor na língua de destino: são necessários criatividade, conhecimento literário e talento para a criação poética. Ao ler as obras de Fitzgerald à luz dessas visões, chegamos à conclusão de que, à sua maneira, o tradutor fez um trabalho respeitável e fidedigno. Para Feitosa, esta versão do Ruba’iyat,

[...] longe de se reduzir à mera transposição da língua árabe para a língua inglesa, realizou a contento o cotejo entre dois universos linguísticos e culturais completamente distintos, chegando a ter grande popularidade na Inglaterra alguns dos versos das ruba’iyat traduzidas. (FEITOSA, 1998, p. 67)

O trabalho de Fitzgerald foi além de apenas traduzir, pois consistiu também em estudar e teorizar a obra omariana de maneira profunda. A partir da segunda edição do Ruba’iyat, o tradutor elaborou, nos prefácios, alguns estudos em que discorria sobre a poesia do autor persa, justificando e analisando-lhe a posição filosófico-religiosa. Para tanto, baseava-se em interpretações livres que fez de Omar Khayyam e em alguns teóricos contemporâneos, como o também tradutor Monsieur Nicolas.

## **5. Fernando Pessoa e o Ruba’iyat**

A unidade e a pluralidade do poeta português Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 1888–1935), o criador dos heterônimos<sup>283</sup>, têm

---

<sup>283</sup> A palavra “heterônimo” vem dos radicais gregos hetero, que significa “outro” ou ainda “diferente”, e onimo que significa “nome”. Este termo foi criado por Fernando Pessoa

sido exaustivamente discutida pelos especialistas em sua obra. Há uma busca incessante pela definição e até mesmo pela explicação das “pessoas em Pessoa” e pelas suas motivações reais e psicológicas na criação de seus outros “eu”. Sua biografia é avaliada por especialistas em psicologia e suas ideias são estudadas por filósofos, literatos e até mesmo por economistas<sup>284</sup>.

No entanto, nosso objetivo com este capítulo não é o de tentar explicar profundamente a gênese de seus heterônimos ou o de recontar a trajetória de vida de Pessoa, assuntos já tão discutidos em tantos artigos. Nos ateremos em definir e conceituar o ortônimo pessoano, para assim, podermos, mais à frente, fazer um estudo simbólico e comparativo.

À obra ortônima de Pessoa compreende tudo aquilo que foi escrito e assinado por “ele mesmo”, possuindo, assim como os outros heterônimos, características próprias e contrastantes que a definem como única. Porém, devido à questão da diversidade do poeta português, não é correto afirmar que a obra ortônima pertence ao “real” Fernando Pessoa. Jorge de Sena, no prefácio de uma das edições de “Cancioneiro” afirma que Fernando Pessoa não era nada além de mais um heterônimo. Para esse crítico, o Pessoa que se chamou Fernando Antônio Nogueira não é o mesmo ortônimo. Fernando Pessoa, o da vida civil, que escolheu o “não ser”: não seguiu nenhuma carreira, não se casou, não teve filhos e nem emprego fixo. Essas escolhas, aparentemente, foram feitas sem o esforço existencial que demonstrava a sua voz ortônima. (SENA *apud* PESSOA, 2007).

O ortônimo é, dentre os heterônimos, o que mais se prende à tradição formal da poesia portuguesa, explorando principalmente a sonoridade dos versos curtos. Sobre isso, Jacinto do Prado Coelho atestou:

O Pessoa ortônimo diverge muito de Caetano e Reis por que não expõe uma filosofia prática, não inculca uma norma de comportamento; nele há quase apenas a expressão musical e sutil do frio, do tédio e dos anseios da alma, de estados quase inefáveis em que se vislumbra por instantes “uma coisa linda”, nostalgias de um bem perdido que não se sabe qual foi, oscilações quase imperceptíveis de uma inteligência extremamente sensível, e até vivências tão profundas que não vêm “à flor das frases e dos dias”,

---

para designar a singularidade de sua obra. O biógrafo pessoano Robert Bréchon (1999) estima que o poeta tenha criado mais de setenta heterônimos no total.

<sup>284</sup> A editora Jorge Zahar Editor lançou, recentemente, o livro “*A economia em Pessoa: verbetes contemporâneos*”, uma organização de artigos feita por Gustavo H. B. Franco.



mas se insinuam pela eufonia dos versos, pelas reticências de uma linguagem finíssima. (COELHO, 1975)

A obra ortônima, ao contrário dos seus principais heterônimos, envereda-se por vários caminhos: o do simbolismo saudosista e patriota de “Mensagem”; o do esoterismo e do ocultismo de “Poesias Ocultistas” e o lirismo altamente simbólico e niilista de “Cancioneiro”. No entanto, nosso ponto de partida será a última obra citada, pois além de conter a essência de Fernando Pessoa ortônimo, também contém traços do “Ruba’iyat” de Khayyam, encontrados em 1985 por Maria Aliete Galhoz.

De acordo com Feitosa, a primeira vez em que o grande público acadêmico se atentou para a presença de Omar Khayyam em Fernando Pessoa se deu em 1979, no “I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos”. Alexandrino Severino apresentou a comunicação intitulada “Rubaiyat, um poema desconhecido de Fernando Pessoa” e se referia à poesia “Rubaiyat” que o poeta havia publicado em 1929 na revista “Contemporânea” de número 3. A partir de então, pesquisadores da obra pessoana, como Maria Aliete Galhoz, se empenharam na busca de outras poesias que poderiam ter sido escritas pelo poeta português à luz de Omar Khayyam, seguindo o esquema do rubai persa. Galhoz acabou encontrando algumas outras ruba’iyat de Pessoa, e todas elas estavam assinadas pelo ortônimo: “entre 1926 e a data de sua morte, um total de 8 rubai e 29 ruba’iyat de sua autoria” (GALHOZ *apud* FEITOSA).

Também podemos destacar como evidência entre a ligação desses dois autores, conforme já foi mencionado, que o “Ruba’iyat” encontrava-se no espólio literário de Fernando Pessoa. Outra comprovação dessa ligação Bernardo Soares, mais um heterônimo de Pessoa, também fez referência direta ao nome de Khayyam no “*Livro do desassossego*”:

OMAR KHAYYAM

Omar Khayyam tinha uma personalidade; eu feliz ou infelizmente, ao tenho nenhuma. Do que sou numa hora na hora seguinte me separo; do que fui num dia no dia seguinte me esqueci. Quem, como Omar, é quem é, vive num só mundo, que é o externo; quem, como eu, não é quem é, vive não só no mundo interno. A sua filosofia, ainda que queira ser a mesma que a de Omar, forçosamente o não poderá ser. Assim, sem que devesas o queira, tenho em mim, como se fossem almas, as filosofias que critique. Omar podia rejeitar a todas, pois lhe eram externas, não as posso rejeitar, porque são eu” (PESSOA, 1999, p. 395)

Com estas considerações estabelecidas, passaremos à análise comparativa de quatro ruba’iyat, duas de Pessoa e duas de Khayyam, comprovando, assim, a influência da literatura árabe-persa na portuguesa.

**6. Um viés comparativo: a flor e a rosa em Pessoa e Khayyam**

Vistas em nossa cultura como oferendas de amor e devoção, a flor e a rosa originalmente são símbolos óbvios de vida e beleza. Devido a seu caráter paradoxal, sendo ao mesmo tempo forte e frágil, estando presente em cerimônias de vida e morte, possuindo macias pétalas e afiados espinhos – quando nos referimos especificamente à rosa –, sua beleza e efemeridade vêm sendo cantadas através dos séculos pelas mais diferentes culturas.

A rosa, segundo Chevalier e Gheerbrant (1998) é também a flor simbólica mais empregada no Ocidente. Na mitologia grega, era consagrada, por exemplo, a Afrodite, a deusa do amor. De acordo com o mito do nascimento da deusa, Afrodite surgiu das espumas do mar que se transmutaram em uma rosa branca (KURY, 1992). Também é de origem grega o ritual fúnebre em que se depositam rosas sobre os túmulos dos entes queridos<sup>285</sup>.

Na mitologia romana, a rosa é criação de Flora, a deusa da primavera e das flores. Conta a mitologia que quando uma das ninfas preferidas de Flora morreu, para manter viva a memória daquela que partiu, a deusa resolveu transformá-la numa flor. Para isto, pediu ajuda a outros deuses: Apolo lhe concedeu a vida; Baco, o néctar e Pomona, o fruto. Quando o trabalho dos deuses se findou, algumas abelhas, embevecidas pela beleza da nova flor, resolveram pousar em suas pétalas. Cupido, enraivecido, disparou diversas flechas para espantar as abelhas. As flechas do deus acabaram trespassando o caule da nova flor, tornando-se seus espinhos (KURY, 1992).

No cristianismo, a rosa, quando branca, é associada à Virgem Maria e à sua pureza; quando vermelha, à sua dor, junto ao seu coração. O rosário, utensílio típico da religião católica, recebeu este nome também numa alusão à rosa. A palavra “rosário” vem do latim “rosarium”, que significa roseiral. Os primeiros rosários dos monges e padres também eram feitos com pétalas de rosas. Tudo isso faz com que essa flor seja constantemente empregada nas artes e na literatura, mais acentuadamente na poesia.

Por este ser um símbolo de morte e vida, justamente por seu caráter dualista, resolvemos nos apegar a ele para uma representação da in-

---

<sup>285</sup> Esse ritual é denominado “Rosália”.

fluência persa omariana na literatura de Fernando Pessoa ortônimo. A Flor, invariavelmente, é comparada à vida, tanto em Pessoa como em Omar Khayyam:

LXVI

Oh ameaças de Inferno e Esperanças do Paraíso!

Só uma coisa é certa — *Esta* vida passa;

Só uma coisa é certa, e o resto, Mentiras;

A Flor que uma vez desabrocha, morre para sempre. (KHAYYAM *apud*

FEITOSA, 1998, p. 80) (grifo do autor)

Nesse rubai, Omar Khayyam fala sobre a ação do fado<sup>286</sup> na existência humana. O cursoda vida leva todos a uma mesmo fim e, neste ponto, a Flor é vista como uma representação da efemeridade. O poeta de Nishapur também atenta seu leitor, no primeiro verso, quanto às dúvidas advindas das crenças de vida após a morte. Nesse aspecto, a única certeza que temos, comparativamente, é aquela que possuímos sobre o ciclo de uma flor: depois que desabrocha, não há mais como transmutar-se em botão. A vida e o fado são inexoráveis, dando a essa quadra uma das visões materialistas do Epicurismo, que nega a transcendência (MAGEE, 2001). Porém, mais que importar-se só com o fim, Omar Khayyam deseja despertar o interesse de seu leitor ao presente, para o momento em que se vive.

Agora, transcreveremos abaixo um rubai de Fernando Pessoa:

Troca por vinho o amor que não terás.

O que 'speras, perene o 'sperarás

O que bebes, tu bebes. Olha as rosas.

Morto, que rosas é que cheirarás? (PESSOA *apud* FEITOSA, 1998, p. 97)

A rosa assume outro caráter nesse rubai. O ortônimo pede a seu leitor que se resigne, pois todos os anseios são vãos. Diante disso, convida-o a beber e contemplar as rosas, antes que seja tarde para isso. Os bons momentos são raros e furtivos, por esse motivo, devem ser aproveitados. Este pode ser um convite para que se aproveite o momento presente — mais uma vez, *ocarpe diem* de Epicuro —, antes que a morte chegue, assim como o fez o poeta persa. Entretanto, diferentemente de Khayyam, o foco de Pessoa está na morte, e não apenas no momento presente. Os bons momentos são raros, furtivos, assim, devem ser aproveitados.

---

<sup>286</sup> De acordo com o dicionário Michaelis, fado é aquilo que se considera predeterminado, irrevogavelmente; destino, sorte.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Para prosseguir com esta análise, destacaremos outro rubai de Fernando Pessoa:

Colhes rosas? Que colhes, se não de ser  
Motivos coloridos de morrer?  
Mas colhe rosas. Por que não colhê-las  
Se te agrada e tudo é deixar de o haver? (PESSOA *apud* FEITOSA, 1998, p. 111)

Mais uma vez, vemos a rosa como símbolo de beleza, não obstante, fútil e efêmera. A ideia antitética da rosa denotando a vida e a morte também aparece descrita no segundo verso, ou seja, a beleza da vida entesta com a rudeza da morte. O ortônimo não vê sentido na ação de colher rosas, assim como não vê sentido em várias ações inerentes aos seres humanos. Colher flores é algo aparentemente sem sentido. Para o ortônimo, esta seria mais uma ação inútil dentro de um momento da vida, afinal, por que buscar a beleza, se ela é fugaz? Dessa forma, percebe-se um viés mais pessimista e racional, característica recorrente da poesia de Fernando Pessoa “ele mesmo”.

Khayyam, em determinados rubai como o que transcreveremos a seguir, também convida o leitor a questionar sobre suas ações e a contemplar as rosas:

XV

Olhe para a rosa que desabrocha - “Veja,  
Sorria”, ela disse, “no mundo eu floresço:  
Rompo de imediato a borla sedosa de minha Bolsa  
E espalho seu Tesouro no Jardim. (KHAYYAM *apud* FEITOSA, 1998, p. 113)

Novamente, é necessário atentar-se para o fato de que Khayyam também é um observador da rosa. Mesmo consciente de seu fenecimento, convida o leitor a ver a beleza e usar a rosa como um exemplo, levando-o a uma reflexão sobre as diversas ações que pratica. A personificação da flor é um recurso utilizado pelo poeta para que se observe a sabedoria inconsciente da natureza e de seus ciclos: a beleza, representada pelo termo *Tesouro*, deve ser mostrada e compartilhada com celeridade, o que leva a mais uma ocorrência do *carpe diem* epicurista nos versos do poeta persa.

Por meio destas comparações anteriores, foi possível perceber que existem traços evidentes de melancolia e pessimismo nos dois autores, sendo esses mais evidentes e significantes em Fernando Pessoa. Em ambos, existe uma contemplação da beleza e da vida, o que é mais perceptível em Khayyam. Os dois autores veem e utilizam a simbologia da rosa

como alegoria da brevidade da vida, contudo, enquanto Pessoa preocupa-se com o fim aparente e imutável, Khayyam importa-se com a trajetória que levará a esse resultado.

## 7. *Considerações finais*

O poeta Fernando Pessoa possui influências da literatura de língua árabe em sua obra. Sem dúvida, esta é a principal certeza a que chegamos com este estudo. Com uma breve elucidação sobre a língua árabe e persa, chegamos à constatação óbvia de que são línguas diversas faladas por povos diversos e que a sua associação errônea e constante se dá por motivos culturais e de desconhecimento. O árabe, assim, foi preferido para a linguagem literária, enquanto a voz e a cultura de Omar Khayyam encontram eco no mundo persa.

Foi possível, ainda, demonstrar que aspectos estruturais de traduções, sobretudo poéticas, podem interferir na forma como o texto é recebido na literatura para a qual é traduzido, principalmente quando as origens linguísticas dos autores são tão diferentes – um persa, outro inglês.

Após constatada a influência exercida por Khayyam sobre Pessoa, por meio da tradução de Edward Fitzgerald para o inglês, pudemos avaliar as ruba'iyat escritas pelos dois. Comprovamos, assim, que apesar da distância temporal e cultural, em determinados pontos, os poetas podem ser semelhantes.

Por fim, realizamos a tarefa de estudar apenas mais uma das facetas do multifacetado Fernando Pessoa ressaltando a importância da tradução poética. A conclusão é de que muitos outros temas ainda podem ser explorados em sua tão extraordinária obra, uma fonte inesgotável de genialidade e de influências diversas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JR., Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História social da literatura portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

ARAÚJO, Luciana. *Cuidado: traduções podem enganar*. dez. 2007. Disponível em: <<http://artes.wordpress.com/2006/12/>> Acesso em: 30 de agosto de 2019.

BENOIST, Luc. *Signos, símbolos e mitos*. Trad. de Anna Maria Viegas.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Belo Horizonte: Interlivros, 1976.

BRÉCHON, Robert. *Estranho estrangeiro: uma biografia de Fernando Pessoa*. 2. ed. Trad. de Maria Abreu, Pedro Tamem. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 12. ed. Trad. de Vera Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 5. ed. São Paulo: Verbo, 1977.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel. *Fernando Pessoa e Omar Khayyam: o ruba'iyat persa na poesia portuguesa do século XX*. São Paulo: Giordano, 1998.

GUIMARÃES, Fernando. *Poética do simbolismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.

KHAYYAM, Omar. *Rubaiyat*. Translated into English by Edward Fitzgerald. 1910. Australia. Disponível em: <[https://ebooks.adelaide.edu.au/o/omar\\_khayyam/o54r/](https://ebooks.adelaide.edu.au/o/omar_khayyam/o54r/)> Acesso em: 30 de agosto de 2019.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LEWIS, Bernard. *The Iranians*. Mushe Dayan Centre. Universidade de Tel Aviv. 2001.

MAGEE, Bryan. *História da filosofia*. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

PESSOA, Fernando. *Cancioneiro*. Porto Alegre: L & PM, 2007.

\_\_\_\_\_. *Livro do desassossego*. 2. ed. Organização de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Obra em prosa*. Organização, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1993.